

AS FONTES ORAIS E A TERRA: práticas e representações camponesas no Pontal do Paranapanema

BORGES, Maria Celma¹

RESUMO: Tendo como eixo a terra, âncora a explicitar as lutas, seja para conquistá-la, seja para nela permanecer, busco, na história e na memória dos camponeses, o substrato para a composição do trabalho. As fontes orais tornaram-se fundamentais para esta empreitada, sendo conjugadas as fontes do MST, dentre outras, como jornais regionais e de circulação nacional. Para esta reflexão, fez-se necessário, de início, percorrer os caminhos do *fazer-se* da história no tempo presente, com o olhar para as lutas de outrora, visando apreender como os camponeses foram discutidos em parte da historiografia.

PALAVRAS-CHAVE: fontes orais; camponeses; práticas; representações, MST.

ABSTRACT: Having as an axle the land, as an anchor to explain the struggles, either to conquer the land, either to stay on it, I search in the history and memory of the peasants, the basis for this research. The oral sources were very important in this effort but together with the written sources of MST, amongst others as regional and national newspapers. For this reflection, it was necessary, at first, to follow the paths of the making of history in the present time, but looking backwards in search of how the peasants were seen by part of the historiography.

KEYWORDS: oral sources; peasants, social practices, representations, MST.

APRESENTAÇÃO

Este texto tem por objetivo discutir a produção das fontes orais, com um olhar para as práticas e representações dos camponeses do Movimento Sem Terra no Pontal do Paranapanema, SP, principalmente no que se refere as ações estabelecidas acerca da luta pela terra e para nela permanecer. Na coleta dos relatos, a expressão: “Você

¹ Professora Adjunto do Curso de História, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Três Lagoas, Departamento de Ciências Humanas. E-mail: celma.historia@zipmail.com.br.

não tá gravando mais nada não, né?”, revelou momentos em que vinham à tona memórias resguardadas, tolhidas e, por vezes, silenciadas, as quais o gravador não pôde apreender. Assim desenharam-se (e se desenham) as lutas na região. Há uma seleção da memória na exposição dos sujeitos, mas há ainda aquela que, involuntária, sem o controle preciso, faz emergir valores que a seletividade não consegue resguardar. Bem por isso que trabalhar com as fontes orais implica a compreensão dos silêncios, das pausas, dos risos, dos choros, mistura de razão e de emoção contribuindo para o delinear da memória e da história desses camponeses em meio ao processo de lutas.

Na tese de doutorado, defendida em março de 2004, busquei entender se aqueles que “ocuparam, resistiram e produziram” na terra, mantinham (e mantêm) o vínculo com o MST mesmo depois de assentados; e qual a leitura que estabeleceram (e estabelecem) acerca da terra na conformação de suas histórias e memórias.

Magalhães refletindo sobre a articulação entre história e memória, chama a atenção para o fato de que:

Salientar as articulações entre história e memória não significa, portanto, reduzi-las ao mesmo termo, mas captar suas relações interativas para apreender as práticas sociais que lhes dão densidade, ao invés de percebê-las como fatos-síntese ou saberes-sínteses cristalizados. Neste ponto, a dimensão de construção da memória pode contribuir para a percepção da história como espaço reconstruído e relativo e para a reflexão de como se dão as relações entre a memória e o conhecimento histórico. (1996, p.115)

Tais questões, particularmente acerca dessas articulações, surgiram no diálogo entre a teoria e as fontes, desenhadas quando do trabalho de produção e análise das fontes orais. No percurso da pesquisa, foram surgindo indagações como: qual a representação que os homens e mulheres constroem enquanto meio para permanecerem na terra? Seria a terra o elemento constitutivo das práticas para a resistência na área conquistada? Serviria ainda como o referencial para a permanência na luta e no MST? Por outro lado, qual a representação que a militância e a direção construíram acerca dos camponeses assentados? Essa representação condiz com o que os homens e mulheres evidenciam, sentem e vivem em seu cotidiano? Afora essas questões, no diálogo com as fontes e com a bibliografia, foram brotando outras a demonstrar a dinâmica do processo de pesquisa.

FONTES ORAIS: UM FAZER-SE HISTÓRICO DIFERENTE?

Ao apontar para a problemática da construção das fontes orais, a partir dos homens e mulheres assentados no Pontal do Paranapanema, SP, busquei discorrer sobre vozes que ao não serem silenciosas, pois constantes no cotidiano de luta pela terra e para nela permanecer, podem ser reveladoras de uma história específica, permeada pelas vivências carregadas de perdas e de conquistas.

Entre os anos de 2001 a 2003 foram realizadas 60 entrevistas, contando com 80 pessoas nos assentamentos São Bento, envolvendo os quatro setores. No assentamento Che Guevara/Santa Clara foi possível realizar 20 entrevistas, com cerca de 35 pessoas. Ambos os assentamentos localizam-se em Mirante do Paranapanema,

estado de São Paulo. Em relação ao grupo dos nove, assentado na gleba XV de Novembro, em Rosana, foram realizadas 6 entrevistas, com em torno de 10 pessoas. Destaco ainda a coleta de relatos de militantes, dirigentes e de outros sujeitos envolvidos na história do MST nesse Estado, contando 10 entrevistas. Somando-se o tempo de duração das entrevistas, esse compôs um conjunto de 90 horas gravadas, com entrevistas entre 20 minutos e duas horas. Algumas entrevistas foram realizadas com mais de uma pessoa, na medida em que se sentiam melhor por partilharem as memórias com seus familiares e amigos.

Não foi possível a utilização de todas as entrevistas, de forma textual na escrita da tese, mas elas contribuíram para a delimitação das práticas e representações que deram o eixo para o trabalho, principalmente na referência aos marcos da memória. Na textualização dos relatos, optei em apresentá-los mantendo a forma como foram expostos, suprimindo apenas algumas repetições da fala, como, por exemplo, os “né”, pois como reforça Costa ao referir-se aos verbos, “[...] corrigi-los seria uma deturpação da realidade do estudo” (1993, p.13). Para mim, corrigir as entrevistas, na íntegra, seria a negação de histórias de vida e de saberes que evidenciaram (e evidenciam) o modo de ser e de viver dos camponeses em meio à terra e ao MST.

Por meio do trabalho com os trechos das entrevistas tive como objetivo tecer uma *colcha* que pudesse dar coesão e vida aos relatos. Para tanto, busquei alinhavá-la tentando reconstruir os tecidos multifacetados e coloridos, oriundos da memória e história individual, mas inseridos e constituídos dentro de um contexto coletivo. As lutas, as esperanças, as decepções e as alegrias, ao terem sido (e serem) vivenciadas pelos

camponeses, serviram (e servem) como um elemento de unidade e um referencial de luta para a história da comunidade envolvida.

Dentre as ramificações no trabalho com as fontes orais, designadas por Meihy como: a História Oral de Vida, a História Oral Temática e a Tradição Oral (1992), privilegiei o eixo temático, tendo em vista as contribuições que poderiam ser dadas à pesquisa. Quando assinalo as contribuições do trabalho com as fontes orais estou pensando na riqueza dos relatos coletados para a análise de uma história, que pela sua contemporaneidade, tornou a utilização de tais fontes imprescindível.

Na reconstrução da história e memória de lutas, as reminiscências dos camponeses revelaram questões que foram recriadas e recontadas por um presente que deu vida às recordações de outrora. Subjetividade e objetividade apresentaram-se como as interfaces da relação entre entrevistador/entrevistado, que se deu de forma circular: envolvendo, emocionando, recriando, transformando as lembranças resguardadas na memória ou subsumidas pelo tempo em matéria viva. O recriar, na fala do narrador, sinalizou para a produção de uma fonte que, indubitavelmente, remetia (e remete) à complexidade, bem como às dificuldades no ato de lidar com o outro.

Um presente que ao ser narrado, reconstituído, trouxe para si os traços do passado evidenciados na memória de luta, demonstrando-se rico na exposição do cotidiano de luta para a permanência na “terra de trabalho”, principalmente por parte dos camponeses assentados, e do processo conflituoso que circunscreveu (e circunscreve) essa história, remetendo à luta pelas “transformações sociais”, desejo vivo na expressão da militância e da direção do MST. Não somente os relatos da militância e da direção do Movimento, mas também os dos demais camponeses, de um

modo geral, foram reveladores da história dos movimentos sociais nos campos do Pontal do Paranapanema, ao abordarem a constituição da luta expressa em práticas e representações partilhadas pelos diversos agentes sociais.

Garrido refletindo sobre as contribuições do registro oral, considerado por este autor como fontes orais para o *fazer-se histórico*, ao salientar a diferenciação deste documento das fontes escritas, afirma:

Em boa medida, o registro oral, de uma forma mais direta do que o escrito - por aquilo que tem de involuntário no sentido de não ser selecionado para a posteridade - pode oferecer, eventualmente, estruturas de compreensão alternativas às elaboradas a partir do trabalho exclusivo com as fontes escritas. O que parece evidente é que, pelo menos, podemos aceitar que pode e deve haver um diálogo, uma relação/integração dialética entre os dois. (1992, p.40)

Nesta perspectiva, cabe destacar que, na tese, não houve a preocupação em sobrepor as fontes orais às escritas, criando um campo de batalhas entre ambas em favor da afirmativa de que as primeiras proporcionariam o *dar voz aos vencidos*. Tentei, então, apreender as possibilidades que o registro oral oferecia, à medida que contribuiu para o entendimento das relações estabelecidas entre os camponeses no interior do processo de lutas orquestrado pelo MST, bem como em meio às roças e à criação do gado leiteiro, na terra de trabalho.

Numa consideração reveladora do papel que a historiografia desenvolveu nas últimas décadas do século passado, no trabalho com a memória *dos vencidos*, Janotti e Rosa assinalam:

Ao dar voz aos vencidos, acreditou-se estar abrindo mão do espaço do cientista para que o outro falasse e, assim redimisse o grupo. No entanto, o historiador continua a comandar o processo de conhecimento ao selecionar depoentes, recortar temas, reescrever falas e construir a explicação histórica a partir do que generosamente lhe foi oferecido.(1992, p.12)

Alguns pontos abordados nos relatos foram retratados de forma singular e ao mesmo tempo pluralizada. Isto se manifestou, ao passo em que se partia de narrativas de histórias individuais para o desembocar nas ações do coletivo, no rememorar das relações de comunidade e vice-versa, nos marcos de memória expressos em falas que aparentemente sinalizavam para o caótico. Falas que, encaminharam, entretanto, para o entendimento de uma unicidade de práticas e representações vividas para conquistarem e se manterem na terra.

Ao trabalhar numa relação direta com os sujeitos históricos - o processo da entrevista - uma das questões que afligiram o desenvolvimento da pesquisa foi o *envolvimento* com a temática, entendido como a proximidade e simpatia pela problemática delineada. Diante disto, inúmeras indagações iam surgindo no percurso da pesquisa: De que forma eu deveria agir no processo da entrevista? Como se posicionar diante do choro, das interrupções da fala, dos sorrisos, indagações e expectativas do entrevistado? Situações que apontavam para o fato de que se estava trabalhando com o outro, com sentimentos e lembranças que nem sempre queriam se fazer lembrar.

Ao discutir a relação estabelecida entre o pesquisador e o entrevistado no ato da entrevista, Montenegro observa:

O respeito ao entrevistado supõe possibilitar que este desenvolva suas observações, análises, pontos de vista, sentindo-se livre da obrigação de atender a qualquer expectativa. Deve-se ainda observar que a memória é resultante da vivência individual e da forma como se processa a interiorização dos significados que constituem a rede de significações sociais. Nesse sentido, não se deve imaginar que o depoente responderá de forma conclusiva a nossas indagações. (1992, p.55)

Conforme este autor, uma das questões fundamentais e problemáticas para o trabalho com as fontes orais é o entendimento da forma como se desenrola a relação entre pesquisador/pesquisado. Montenegro chama a atenção para este ponto tendo em vista as implicações desta relação na própria confecção e análise das fontes orais.

Entendo que, inicialmente, o trabalho com uma determinada temática - a escolha do tema; o levantamento dos problemas e a busca dos sujeitos da pesquisa - dá-se numa certa *relação de poder*, em que o pesquisador, ao ter um tema e uma problemática definida, vai buscar na entrevista a contribuição para aquilo que deseja investigar. As perguntas são feitas pelo pesquisador e o que lhe interessa ouvir está implícito na forma como as questões são elaboradas. Daí, o fato de o entrevistado não pedir que a entrevista fosse realizada ou para que tal temática fosse discutida, ainda que isso possa lhe ser favorável, no sentido de contribuir para o processo de lutas.

Nesta *relação de poder* (MALATIAN, 1996), em que o pesquisador, de início, mesmo que não queira, conduz as regras da pesquisa, na entrevista também se vê na

situação de conduzido, à medida que os sujeitos históricos, homens e mulheres, assumem a direção da entrevista em suas respostas, interrupções, choros, silêncios... Tais elementos, entendidos aqui como *possíveis inversões da relação de poder*, fazem da entrevista um processo dinâmico, demonstrando a relevância do trabalho com as fontes orais, mas também as dificuldades para a sua utilização no *fazer-se histórico*.

Ainda que as falas sejam elementos instigantes para a análise da história da história e memória dos diferentes sujeitos, no caso, das lutas do MST na região em foco, por vezes ultrapassando fronteiras regionais, no momento em que se trabalha os relatos, estabelecendo os recortes da entrevista, tem-se novamente em mãos as armas da *relação de poder*: a seleção, interpretação e escrita daquilo que nos interessa.

Em função disso, entendo que cabe ao pesquisador que trabalha com as fontes orais (e não somente a ele) o comprometimento com o que está sendo produzido, não permitindo que os seus pressupostos teóricos isolem as evidências, mas antes, procurem clareá-las. É preciso também na interpretação do relato evitar a depreciação de determinados pontos abordados pelo narrador, o que, conseqüentemente, desqualifica o sentido de sua fala. Assim, mesmo que as fontes orais, no ato da transcrição, se transformem em escrita - no congelamento da palavra - o processo do lembrar e da narrativa presente na exposição do outro, demonstra para o pesquisador a subjetividade determinante e determinada pelas recordações, silêncios, gestos, bem como pela interação pesquisador-entrevistado.

Bourdieu, ao discutir a forma como as fontes orais são utilizadas nos diversos campos da pesquisa, tece uma observação relevante no que diz respeito à sua utilização para o fazer-se da história e para a análise do ofício do historiador:

O sonho positivista de uma perfeita inocência epistemológica oculta na verdade que a diferença não é entre a ciência que realiza uma construção e aquela que não o faz, mas entre aquela que o faz sem o saber e aquela que, sabendo, se esforça para conhecer e dominar o mais completamente possível seus atos, inevitáveis, de construção e os efeitos que eles produzem também inevitavelmente.(1997, p.694)

Neste aspecto, na produção e interpretação das fontes orais é interessante retomar a perspectiva apontada por Martins ao discutir os códigos de linguagem das populações rurais e indígenas: "uma linguagem que oculta e revela, [...] o que é dito nem sempre corresponde ao que é feito, e o que é feito nem sempre se espelha no acontecido" (1993, p.32). Há, desta forma, um código de duplicidade que deve ser considerado em todos os aspectos do trabalho com as fontes orais.

Os relatos dos diversos agentes sociais, por voltarem-se às lembranças, à memória de lutas, ao serem rememorados, como expresso anteriormente, recriam-se. Nesse momento, o olhar para si e para o processo de lutas, retrata a subjetividade dos entrevistados ao narrar um tempo em que o presente remodela e dá forma às experiências do passado. A este respeito, a observação de Bosi é significativa: "A narração é uma forma artesanal de comunicação. Ela não visa o transmitir 'em si' do acontecido, ela o tece até atingir uma forma boa. Investe sobre o objeto e o transforma".(BOSI, 1994, p.88)

Portelli, discutindo a representação do testemunho oral nos trabalhos que estão sendo desenvolvidos no campo da história oral e nas discussões a respeito da memória, acentua:

O testemunho oral tem sido amplamente discutido como fonte de informação sobre os eventos históricos. Ele pode ser encarado como um evento em si mesmo e, como tal, submetido a uma análise independente que permita recuperar não apenas os aspectos materiais do sucedido como também a atitude do narrador em relação a eventos, à subjetividade, à imaginação e ao desejo, que cada indivíduo investe em sua relação com a história. (1993, p.23)

NO TRABALHO COM AS FONTES ORAIS: REPRESENTAÇÕES DE UM OUTRO TEMPO

Ferreira,² ao refletir sobre o trabalho com a história oral e os resultados provenientes do mesmo, chama a atenção para a necessidade do pesquisador ter em mente que não se faz uma pesquisa com as fontes orais, construindo uma *colcha de retalhos*, ou seja, pequenos pedaços de *histórias*, dispersos, sem uma inter-relação com o tema proposto. Ora, no trabalho com os fragmentos do relato, como salientado anteriormente, pode-se constituir - dependendo da análise e do projeto que se efetive - uma *colcha* em que as especificidades de cada fala venham unificar os pedaços, formando, com isso, um *tecido multifacetado*, porém coeso.

² Observações decorrentes do curso proferido por Marieta de Moraes Ferreira, no Programa de Pós-Graduação em História da Unesp, Assis, nos dias 22 a 25 de Agosto de 1995.

Pensando as críticas de Ferreira, entendo a necessidade de se ter o cuidado em não retalhar a entrevista e a interpretação numa fragmentação acrítica, em que se espelhe o descontínuo e a fragilidade do pesquisador ao não conseguir apreender os pontos comuns que compõem e dão sentido ao seu projeto.

Um ponto comum apreendido no trabalho de campo foi o da perspectiva e da esperança dos camponeses por melhores dias e a leitura de que valera a pena a luta, pois o hoje suplanta as misérias e dores do passado. Assim, as memórias narradas explicitam a possibilidade de discussão da história com o olhar para as práticas e representações, construídas por meio de ações individuais, mas também coletivas, voltadas não somente para a conquista da terra, mas ainda para a sua permanência e subsistência na área conquistada, como se pode depreender do relato de Dona Dalva, ao referir-se ao tempo de sua fala como o tempo da fartura, muito diferente das condições iniciais vividas no acampamento, ou mesmo no princípio do assentamento.

Condições objetivas, como as lutas constantes por melhores dias, conduziam seus passos; as subjetivas enunciavam os desejos de permanência nessa luta mesmo diante das dificuldades a serem superadas para que o sonho da terra prometida pudesse ser realizado. Um tempo marcado pela espera e pela esperança:

A batalha foi travada, foi uma batalha mesmo dura. [...] Aí eu vim pro barraco e quando eu pisava o pé na terra atolava até o meio da perna; quando formava uma chuva na casa de nosso Senhor eu tinha que tá com as camas tudo coberta de plástico, sofrendo. Nós sofremos e sofremos muito mesmo, não por causa do Movimento, mas porque a luta é dura. Mas eu acho que valeu a pena. Por isso que hoje eu tô aqui no meu lote. Graças a Deus,

consegui uma casinha, temos tudo quanto é tipo de fruta plantada aí. Às vezes eu falo pra minha nora: ‘você já pensou se a gente tivesse na cidade e tivesse que comprar tudo isso’. Antigamente eu pagava cinqüenta centavos em um litro de leite, hoje tem o leite, e tem dia que eu deixo aí quatro litros de leite pras crianças e azeda, as crianças não bebe. Antigamente eu era obrigada a comprar, hoje eu tenho pra vender e pra dar pra quem não tem. (Entrevista. Ildo e Dalva. Che Guevara/Santa Clara, 31/05/2001)

A narrativa do sofrimento vivido no acampamento e no princípio do assentamento evidencia-se na fala de Dona Dalva, “nós sofremos e sofremos muito mesmo”, mas “não por causa do Movimento”, deixando explícito que os problemas enfrentados na “batalha” não eram de responsabilidade do MST, mas pelo fato de que “a luta é dura”. Termos como “batalha”, “luta” são sugestivos para se pensar a resistência camponesa no processo de lutas, tanto das que envolveram a conquista da terra, quanto das que são estabelecidas no cotidiano da vida e da produção no assentamento.

Ressalta esta narradora que mesmo frente a todas as dificuldades, “valeu a pena”, pois, no que diz respeito ao que ela e sua família vivem no presente, principalmente em relação à produção, “temos tudo o que é tipo de fruta plantada”. Essa afirmativa é legitimadora da luta. Os resultados são palpáveis, sejam na fruta ou no leite, obtidos por meio da terra. São representações que expressam um novo tempo, de fartura, de fruto de sua prática e a de sua família no trabalho com a terra, diferente do vivido no outrora, quando na condição de bóia-fria.

As considerações de Costa são relevantes para se pensar o papel dos camponeses como agentes da história, costurando em suas narrativas os fios da memória, na exposição de valores, desejos, ao reconstruírem tempos diversos: de sofrimento, de luta, de conquista e de persistência. Mistos de histórias que se formulam a partir da ambigüidade oriunda das representações que os homens e mulheres constituem do MST e das que tecem sobre si, em lugares nos quais se constrói a vida ao confrontarem-se, pelos caminhos da luta, com as “determinações” do capital, mas sem que essas consigam suprimir-lhes o sonho e o direito de lutar pela terra e nela permanecer. No estudo do assentamento Indaiá, em Mato Grosso do Sul, observa esta autora que:

A cada passo, esses trabalhadores vão compondo o bordado de sua vidas, levando em conta os ensinamentos, as tradições, os desejos - eco de vozes que já emudeceram, seus ancestrais -, repassando-os aos descendentes, propiciando a essas vozes sua perpetuação nas gerações futuras. Caminhada que se faz na noite preta de resistência e de inutilidade para aqueles que crêem que a luta contra o avanço histórico, supostamente representado pela expansão capitalista, é uma ilusão. Tempo difícil, mas também de alegrias e sonhos. E, assim, nessa caminhada árdua, porém muito terna, porque é cheia de emoção, eles vão preservando a relação mítica que estabelecem com terra. (1993, p.143)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na tentativa de verem os seus direitos reconhecidos ou “simplesmente” no ato de sobreviverem, os assentados vão re-definindo as suas trajetórias e os seus valores.

Nessa re-definição, encontram-se presentes raízes do ser trabalhador da terra, ou seja, os desejos que norteiam a “terra de trabalho”, a terra da família, o espaço tão sonhado para a conquista de sua liberdade, e a conseqüente negação do patrão.

Para entender esse ponto comum foi preciso ir além dos relatos individuais repensando-os num contexto coletivo. Não prevaleceu, nas entrevistas, a fala individualizada, mas a narrativa da trajetória de luta carregada de sofrimentos e de alegrias, empreendida pelos diversos sujeitos para a permanência e subsistência na área. Logicamente que elementos da própria história de vida foram apresentados, porém as recordações dos tempos de luta e das experiências vivenciadas pelo coletivo tiveram uma maior permanência.

O trabalho com os relatos não implicou uma tarefa fácil. As narrativas dos conflitos, da memória e da história narrada pelos camponeses demonstraram uma das facetas dos movimentos sociais no campo, nem sempre por nós conhecida: a das práticas e representações entendidas, na tese, como delimitadoras de sujeitos e de ações, ou seja, de homens, mulheres e crianças construindo o MST e se construindo enquanto agentes da história em meio ao processo de lutas. Práticas referendaram, então, o modo de vida e os sonhos, fundamentados tanto no desejo da “terra de trabalho” quanto no da “transformação social”. Sendo assim, as representações fundamentam as práticas vividas no campo material e simbólico das lutas camponesas, de modo que os signos a substanciar a mística da terra constroem práticas, tal como são por elas construídos, explicitando a importância de se analisar o sujeito, tal como o meio em que está inserido.

BIBLIOGRAFIA

BORGES, Maria Celma. **De pobres da terra ao Movimento Sem Terra**: práticas e representações camponesas no Pontal do Paranapanema – SP. Assis, 2004. 391 p. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Assis, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade** - Lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre (Org.). **A miséria do mundo**. Petrópolis, R.J: Vozes, 1997.

COSTA, Cléria B. **Vozes da terra** – Indaiá: “O porto das esperanças”, 1980-1990. 1993. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

GARRIDO, Juan Alcazar i., As fontes orais na pesquisa histórica: uma contribuição ao debate. **Revista Brasileira de História**. n.25/26. Memória, História, Historiografia. v.13, set/92 ago/93.

JANOTTI, Maria de Lourdes Monaco & ROSA, Zita de Paula. História Oral: uma utopia? **Revista Brasileira de História**. n.25/26,. Memória, História, Historiografia. v.13, set/92 ago/93.

MAGALHÃES, Nancy A. **Marcas da terra, marcas na terra**: um estudo da terra como patrimônio cultural e histórico. Guarantã do Norte (MT) 1981-1990. 1996. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

MALATIAN, Tereza R., A circularidade do discurso: Perspectivas metodológicas da História Oral. **Fontes Históricas: abordagens e métodos**. Programa de Pós-Graduação em História, Assis, Unesp, 1996.

MARTINS, José de Souza. **A chegada do estranho**. São Paulo: Hucitec, 1993.

MEIHY, José Carlos S. Bon, Entrevista. **Revista Pós-História**. Assis, v.1, 1992.

MONTENEGRO, Antonio Torres. História Oral, caminhos e descaminhos. **Revista Brasileira de História**, n.25/26. Memória, História, Historiografia, v.13, set/92 ago/93.

PORTELLI, Alessandro. Sonhos ucrônicos - memórias e possíveis mundos dos trabalhadores. **Proj. História**. São Paulo, v.10, dez/1993.